

A ALFABETIZAÇÃO EM CLASSE MULTISSERIADA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS¹

Márcia Rejane Scherer²

A multisseriação, enquanto agrupamento de crianças de diferentes anos e níveis de ensino em uma mesma sala de aula, constitui-se em uma realidade que acompanha a história da educação brasileira. Não há uma data oficial que indica quando iniciaram as classes multisseriadas no Brasil, mas segundo estudos de pesquisadores, elas advém do período colonial, baseado no que era desenvolvido na Inglaterra como modelo de escola. Sobre isso, Ariès nos coloca:

Desde o início do século XV, pelo menos, começou-se a dividir a população escolar em grupos da mesma capacidade que eram colocados sob a direção de um mesmo mestre, num único local – a Itália, por exemplo, durante muito tempo permaneceu fiel a essa fórmula de transição. Mais tarde, ao longo do século XV, passou-se a designar um professor especial para cada um desses grupos, que continuaram a ser mantidos, porém, em um local comum – essa formação ainda subsistia na Inglaterra na segunda metade do século XIX (1981, p. 112)

Nessa época, o corpo discente era formado basicamente por meninos, visto que existiam restrições quanto às meninas se matricularem nas escolas, por terem sua capacidade de raciocínio questionada por políticos e moralistas sexistas de então. A presença das meninas nas escolas oficiais só foi permitida a partir de 1755, com as reformas pombalinas. Ao mesmo tempo, era pequeno o número de professores capacitados para a função, visto que as Escolas Normais responsáveis pela formação técnica e pedagógica dos profissionais da educação só surgiram em nosso país em 1834. Apostava-se, então, no ensino por monitoria para a educação das crianças.

Somente em 1889, com o início do período republicano, surgiram as escolas seriadas e a modernização de conteúdos, da administração e de métodos escolares. Com o advento da industrialização e conseqüente aumento da população urbana em detrimento da população do campo, as escolas passaram a ser, em sua maioria, seriadas na região urbana e multisseriadas no campo. E essa realidade assim permaneceu por muitos anos e está presente ainda nos dias atuais.

Enquanto educadora de crianças dos Anos Iniciais há mais de vinte e cinco anos, vivenciei a experiência de trabalhar com classes multisseriadas nos primeiros anos da

¹ Relato de Experiência na Educação Básica.

² Pedagoga, Pós Graduada em Pedagogia Gestora, Mestre em Educação nas Ciências - UNIJUI, professora das redes municipal e estadual – Ijuí/RS, marciarscherer@yahoo.com.br

profissão, quando atuei em escolas do campo. No entanto, este ano me vi frente a este desafio novamente, com a diferença de que agora a classe multisseriada constitui-se em uma realidade em escola urbana.

Diminuição do número de filhos nas famílias; constante movimentação e itinerância das famílias pelos bairros da cidade à procura de emprego ou melhores condições de vida e moradia; significativo número de escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental nos bairros próximos; questões sociais que fogem à alçada da escola; foram alguns fatores discutidos no âmbito da escola como possíveis causas da diminuição do número de alunos na mesma.

Essa realidade presente na escola urbana em que atuo, e possivelmente em outras que vivenciam situação semelhante, abre aos educadores envolvidos e comprometidos com a educação das crianças, a necessidade de novas leituras, reflexões e pesquisas; a busca de diferentes possibilidades metodológicas para o trabalho e, principalmente a disposição do educador desacomodar-se, sair do seu lugar de conforto e buscar novas possibilidades de ação para grupo de alunos com que está envolvido.

Ao iniciar este ano letivo deparei-me com uma realidade que há muito não fazia parte do meu cotidiano: desenvolver trabalho pedagógico com uma classe multisseriada de primeiro e segundos anos do Ensino Fundamental.

Num primeiro momento, susto: Como assim? Duas turmas juntas? Com conceitos, conteúdos e habilidades diferenciadas a serem trabalhadas? Como fazer? E após as primeiras semanas de aula, sensação de incompetência e angústia: Turmas pequenas, mas totalmente diferentes em seus níveis de aprendizagem; crianças bastante dependentes da professora, a todo momento solicitando auxílio; tempos diferentes de concentração; ... Chegava em casa “acabada” fisicamente, mas tendo que reconstruir-me porque no outro dia tinha que estar inteira para trabalhar com uma turma de 5º ano em outra escola e novamente com esta no outro turno.

Bom, é quando nos sentimos totalmente perdidos que vamos atrás das soluções. Busquei em minhas reminiscências do início do trabalho docente, lembranças de como organizava as turmas multisseriadas em que atuava e que atividades propunha. Mas totalmente consciente de que os tempos são outros, assim como as realidades de escolas também, busquei leituras e pesquisas recentes que pudessem lançar luz sobre o fazer pedagógico em classes múltiplas. Ao mesmo tempo, resgatei mnemonicamente reflexões realizadas com professoras atuantes em classes multisseriadas dos municípios de abrangência da 36ª Coordenadoria Estadual de Educação, espaço no qual atuei de 2010 a

2014 como assessora dos Anos Iniciais. Os encontros com as educadoras em reuniões específicas junto à assessoria do Campo, assim como nos encontros do Pacto Nacional pela Alfabetização, constituíram-se em espaços de socialização de dúvidas, angústias e experiências exitosas de atuação em turmas de Anos Iniciais multisseriadas ou não e auxiliaram-me também na reflexão de como deveria organizar tempos e espaços para o trabalho com minha turma.

Em primeiro lugar, passei a rever minha compreensão sobre a realidade da turma: são crianças frequentando anos/séries diferentes, mas são crianças, com todas as características e necessidades desta etapa da vida humana, congregadas em um mesmo espaço educativo. Então, o primeiro passo foi percebê-los como um grupo (e não dois), que não é homogêneo, mas que vai dividir reflexões, ações, registros juntos, cada um dentro de seu nível de compreensão, mas que necessitam ser respeitados dentro do seu processo de construção. Ao mesmo tempo, busquei possibilidades de trabalho onde a heterogeneidade de conhecimentos e construções de conceitos fossem usados a favor da aprendizagem de todos. Tendo eu, enquanto educadora deste grupo, internalizado esta compreensão, passei a trabalhá-la com as crianças.

Reorganizando a rotina da aula, propus desenvolver diariamente alguma atividade de caráter coletivo, onde toda a turma necessitasse se envolver e auxiliar um ao outro em sua execução. Jogos no pátio e na sala envolvendo as diferentes áreas do conhecimento; contação de histórias, a princípio pela professora, e mais tarde, com o aprimoramento da leitura, pelas crianças do segundo ano às crianças do primeiro ano a partir de literaturas retiradas da biblioteca; observações e experiências de/com elementos da natureza; discussões e registros coletivos sobre filmes, documentários, reportagens, palestras envolvendo conceitos e conteúdos trabalhados; leitura e releitura de obras de arte; dramatizações e canções envolvendo expressão corporal com definição coletiva dos movimentos a serem realizados, foram algumas das atividades propostas buscando envolver o coletivo da turma, visando a construção de aprendizagens na interação entre os pares.

Nessa perspectiva, passei a vivenciar a compreensão de que, além da diversificação de atividades, também as formas de agrupamento das crianças constituem estratégias importantes quando nos deparamos com a heterogeneidade de aprendizagens em classes multisseriadas. Trabalho em grupos envolvendo crianças do mesmo ano/série ou de diferentes anos, podem favorecer o avanço dos conhecimentos dos alunos em leitura e escrita e nas demais áreas do conhecimento. Assim, passei a desenvolver atividades em

que as crianças pudessem vivenciar diferentes agrupamentos: somente com seus pares de idade, com os colegas de outra idade, com todo o coletivo da turma e também momentos individualizados.

Nesse sentido, fortaleci a certeza que já tinha que, a melhor forma de trabalhar conceitos e conteúdos sem deixar de lado a ludicidade, a curiosidade, a análise e reflexão de fatos e acontecimentos e a construção coletiva de conclusões e aprendizagens, seja em turmas múltiplas ou não, é através da metodologia de projetos. Eles abrem possibilidade para inúmeras aprendizagens envolvendo o coletivo de alunos. Segundo Barbosa e Horn:

Para que haja aprendizagem, é preciso organizar um currículo que seja significativo para as crianças e também para os professores. Um currículo Não pode ser a repetição contínua de conteúdos, como uma ladainha que se repete infindavelmente no mesmo ritmo, no mesmo tom, não importando quem ouça, quem observe ou o que se aprende. Afinal, sabe-se que o conhecimento não é verdade imutável, mas algo transitório, inacabado, imperfeito e em contínua pesquisa. Os projetos abrem para a possibilidade de aprender os diferentes conhecimentos construídos na história da humanidade de modo relacional e não-linear, propiciando às crianças aprender através de múltiplas linguagens, ao mesmo tempo em que lhes proporcionam a reconstrução do que já foi aprendido (2008, p. 35).

E assim, aprofundamos estudos sobre nossa identidade, buscando nas histórias de vida, documentação, árvore genealógica de cada um, conhecer-nos mais profundamente. Descobrimos o porquê da escolha do nosso nome pelos pais, a genealogia/origem e significado dos nomes e sobrenomes de cada um. Conversamos sobre as diferentes organizações familiares e nossas origens. Descobrimos a importância do nome e sua relação com as origens em outras culturas, como a indígena e africana. Percebemo-nos como seres vivos, que passamos por diversos ciclos de vida, que possuímos um corpo constituído por diversos órgãos internos e externos, que nos permitem diversas sensações, o qual devemos cuidar para manter a saúde e a vida.

Percebemos que fazemos parte de um mundo vasto e rico de seres vivos como nós, que também necessitamos cuidar. E como sendo parte deste universo, precisamos conhecer os demais elementos do mesmo, para que possamos compreendê-los e respeitá-los. Assim, ao estudar sobre os animais, e conhecendo o Meliponário que foi construído na escola pelos alunos do Ensino Fundamental e Médio sob a orientação da professora de Biologia, nossa curiosidade sobre as abelhas se aguçou e passamos estudar sobre elas e sua organização social nas colmeias. Descobrimos que as formigas também viviam em uma organização hierárquica e com divisão de tarefas dentro do formigueiro e passamos a estudar esse animal também. A partir daí, joaninhas, minhocas, grilos, e outros animais

invertebrados passaram a ser presença constante em nossa sala de aula e motivo de muitas pesquisas.

E então chegamos à discussão sobre a interdependência entre homem, animais e plantas no planeta, projeto ainda em desenvolvimento, com enfoque às plantas.

Durante todos os estudos realizados, como já destaquei antes, desenvolvemos atividades coletivas, em grandes e pequenos grupos, em pares ou individualmente, com ações que envolviam as diversas formas de expressão: plástica, oral, escrita, etc. mas o maior desafio para mim, enquanto educadora, foi pensar como fazer os registros individualizados de forma a perceber se o estudado foi realmente compreendido por cada aluno em particular, mas principalmente se o processo de alfabetização estava se efetivando realmente, ou seja, se as crianças da alfabetização inicial estavam se apropriando do sistema alfabético de escrita e evoluindo na compreensão dos conceitos matemáticos, assim como se as crianças já alfabetizadas da turma estavam ampliando sua compreensão em relação à leitura e produção textual, assim como os demais conceitos das diferentes áreas. Porque como bem ressaltam Barbosa e Horn (2008), trabalhar com projetos não significa ter apenas uma sala dinâmica e ativa, pois muitas vezes essas atividades são apenas formas de hiperestimulação. E acrescentam, conforme Tonucci, “as crianças produzirão muito, mas de maneira estéril” apud BARBORA e HORN, 2008, p. 35).

Nesse sentido, a avaliação constante da prática necessitava se fazer presente, assim como os momentos diários em que gerenciava duas ou mais atividades diferenciadas dentro de sala de aula, segundo cada nível de construção, em que cada criança realizava a atividade individualmente e sua dificuldade era atendida desta forma também, exercício gerador de grande desacomodação, que é positiva, pois nos desafia a avançar em nossa prática.

Durante muito tempo na história da educação brasileira, as escolas multisseriadas, geralmente localizadas no campo e em muitos casos a única opção de acesso de moradores de comunidades rurais ao sistema escolar, não tiveram grande atenção por parte do poder público. Há alguns anos essa situação começou a mudar, com propostas a nível estadual e federal, na busca pela construção de uma ação pedagógica voltada para a educação do campo, sejam as escolas organizadas em classes multisseriadas ou não. Diferentes estudos têm enfatizado as potencialidades educacionais das escolas e turmas multisseriadas; destacando que a diferença entre culturas, idades e conhecimentos infantis necessitam ser percebidas como possibilidade pedagógica e não como entrave.

Contudo, o trabalho com classes multisseriadas, principalmente envolvendo turmas de alfabetização não se constitui em tarefa fácil. Se em uma turma única é desafio constante ao professor identificar as necessidades de cada aluno para buscar atendê-las dentro de um coletivo de sujeitos que também possuem suas necessidades e ritmos diferenciados, em uma turma múltipla esse desafio se multiplica. São diferentes ritmos e modos de apreensão do conhecimento; diferentes etapas da apropriação do sistema de escrita alfabético; diferentes níveis de registro e compreensão da leitura, dos conceitos matemáticos e das demais áreas do conhecimento; os quais exigem do professor atenção redobrada em relação às atividades que propõe, a fim de garantir a apropriação da leitura e do sistema de escrita pelas crianças em fase inicial de alfabetização, assim como não pode perder de vista a progressão dos conceitos e conteúdos das que já dominam o sistema alfabético e precisam avançar em sua aprendizagem.

Ao mesmo tempo, nos desafiam a trabalhar com a heterogeneidade, sem cair na perspectiva da homogeneização, o qual muitas vezes em nosso trabalho pedagógico acabamos objetivando, mesmo sem intenção.

Dessa forma, as classes multisseriadas, que em algumas realidades de escola, como a que trabalho, estão transpondo as comunidades do campo e fazendo-se presentes também na realidade urbana, nos desafiam a repensar práticas pedagógicas, organizações curriculares, conteúdos e avaliações. A convivência de crianças em uma mesma sala de aula, com idades diferentes, realizando atividades e registros distintos individualmente e em conjunto, também constitui-se em forma da escola abrir-se para as diversidades.

Palavras-chave: Educação; Anos Iniciais; Multisseriação; Alfabetização; Heterogeneidade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.